

A educação física e a guerra moderna

MOACYR SAMPAIO

A segunda grande guerra mundial, de maior extensão e profundidade que a primeira, veio mostrar a importância decisiva da educação e do preparo físico do soldado.

Os elementos de destruição jogados à luta, no mar, em terra e no ar, espantam pela perfeição técnica e pelo tremendo poder ofensivo de que são dotados. Não se podia imaginar, por exemplo, que o tanque e o avião surgissem no conflito atual como as armas mais terríveis nas batalhas que se estão desenrolando no Oriente Medio e na Frente Oriental, como também nas que se feriram na primeira fase da guerra, especialmente quando atuam em ação combinada, assegurando o avanço e o êxito da infantaria.

Mas a máquina, para ser manejada e conduzida à ação pronta e eficaz na guerra moderna, depende do soldado, dos conhecimentos técnicos que ele tiver adquirido, do preparo físico indispensável, único meio que o predispõe a não fraquejar nunca e a não perder o ânimo, enfrentando e vencendo todos os obstáculos.

O elemento humano, portanto, é que tem decidido e há de decidir de todas as guerras, mesmo de uma guerra das proporções enormes da que ameaça nesta hora os destinos do mundo.

Não se infere outra coisa da preocupação que os dirigentes dos países em guerra contra o Eixo tem manifestado pelo preparo físico do soldado, inclusive da redução do limite de idade.

Falando há pouco sobre os problemas relacionados com o esforço de guerra dos Estados Unidos, o Presidente Roosevelt sugeriu aquela medida como indispensável à organização de forças capazes das mais árduas tarefas nesta guerra.

Também, entre nós, a preparação física do soldado brasileiro tem merecido cuidados especiais, e não há exagero em afirmar-se que os resultados obtidos até agora tem correspondido à expectativa dos responsáveis pela instrução ministrada àqueles de quem a Pátria reclama, agora e sempre, a quota de sacrifício na defesa de sua bandeira.

A nossa Escola de Educação Física é uma forja de atletas a serviço do Exército e do Brasil, de homens que tem a volúpia do perigo porque sabem que desse modo estão se adestrando para cumprir com êxito as missões mais arcaicas, sobretudo as que exigem ânimo forte, agilidade, bravura pessoal e esse despreendimento de si mesmo que caracteriza o heroísmo do soldado brasileiro. Os métodos adotados nesse modelar estabelecimento nada ficam a dever aos modernos padrões europeus e americanos, evidenciando nos seus menores detalhes a alta compreensão e a capacidade técnica dos seus dirigentes e instrutores.

Cada aluno que se prepara na Escola de Educação Física do Exército, está apto a defender palmo a palmo o nosso território, a repetir nos caminhos tortuosos, nas catíngas e nas picadas traiçoeiras do *hinterland* brasileiro, os feitos que outros praticaram para construir esta Pátria unida e forte que lhe cabe defender até a morte. Nada o impede de avançar. Nenhum obstáculo o detem, porque sua tarefa é vencê-lo e continuar vencendo quantos obstáculos apareçam tentando impedir a sua marcha para a frente. Assim preparado tudo ele dá em holocausto à Pátria.

Sugeri-me essas rápidas considerações um magnífico filme a que assisti há pouco sobre as atividades na Escola de Educação Física do Exército, filme este que provocou calorosas palmas em todos os cinemas em que foi exibido. É um filme que os brasileiros devem ver e orgulhar-se do espetáculo impressionante que ele nos apresenta. Homens sadios e fortes atiram-se aos exercícios mais difíceis, numa demonstração eloquente de que possuímos uma raça capaz de conduzir o Brasil à realização de seus altos destinos e capaz, igualmente, de salvaguardar, nesta hora crítica que o mundo atravessa, o imenso patrimônio que herdamos dos nossos maiores.

A guerra moderna exige que nos preparemos dessa forma. E o que o filme nos mostra, é suficiente para convencer de que esta guerra que nos impuzeram não nos apanhou desprevenidos.

Agora mesmo a Inglaterra intensifica a preparação de forças de choque, compostas de homens selecionados, verdadeiros atletas, sem nervos, mas de sangue frio à prova de todas as emoções.

Essas forças formarão os chamados "Comandos", aos quais caberá em breve a tarefa de abrir a segunda frente, necessitando para realizá-la de vencer primeiramente as terríveis dificuldades que ela implica e que não são desconhecidas pelos chefes militares britânicos.

O treino realístico que fazem os soldados ingleses, cuja divisa é "atacar", atesta a importância que nesta guerra se empenha ao preparo físico dos combatentes. Basta dizer que a

parte essencial do treino é uma espécie de "curso de sangue e suor", tantos são os sacrifícios a que o soldado se expõe nessa corrida permanente de obstáculos.

Todos levam equipamento completo, fuzil de baioneta calada e começam arrastando-se através de uma vedação de arame farpado de tres metros de largura. Outras barreiras e obstáculos surgem e devem ser vencidos, seguindo-se a isso o ataque a baioneta contra alvos formados de odres contendo sangue de animais, sangue que os soldados recebem em esguichos como se estivessem num terrível corpo a corpo com o inimigo. Depois é o avanço através de um estreito barranco, cheio de estilhaços e de fumaça de cheiro repugnante, com instrutores por todos os lados lançando enormes estalos, com outros que fazem explodir minas, que imitam perfeitamente o estampido das granadas alemães. Essas provas incluem ainda a travessia de pantanos, novos obstáculos de arame farpado, fogueiras reais que devem ser vencidas, nova travessia de uma vala com cinco pés de profundidade sobre um leito de lodo, depois um barranco, um cano de esgoto, um muro de 3 metros, que é escalado, apesar do cansaço e, por fim, a arremetida ao objetivo escolhido.

Durante esse treino exaustivo, ouvem-se gritos e imprecações destinados a despertar entusiasmo e fúria nos soldados, enquanto os alto-falantes, presos às árvores, vão irradiando os efeitos sonoros de algum filme de guerra alemão, com o troar de canhões, o sibilar de balas, bombas e granadas, o roncar de aviões de bombardeio em vôo picado, etc.

Tudo isso, como ficou provado, produz excelente efeito psicológico, de tal forma que os soldados pensam mesmo que estão atacando e sendo atacados pelo inimigo.

Os alunos da Escola de Educação Física do Exército são preparados de forma a torná-los aptos a realizar proezas com o mesmo realismo do treino que nos relatam os comentaristas militares britânicos, graças à competência dos instrutores e à ação dinâmica dos seus ilustres dirigentes.

A gravidade da hora que atravessamos não escapa à alta compreensão das altas autoridades militares.

Temos um Exército digno das tradições de Caxias; temos uma Escola de Educação Física digna das tradições do Exército.